



COLÓQUIO
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021

UM TRISTE EMBATE VESTIMENTAR: CAMISAS PARA ACABAR COM A PERFORMATIVIDADE INDÍGENA

Viana, Fausto; Livre-docente; Universidade de São Paulo, faustoviana@uol.com.br¹
Italiano, Isabel Cristina; Livre-docente; Universidade de São Paulo, isabel.italiano@usp.br²

RESUMO

Em 1549, Manoel da Nóbrega (1517-1570), jesuíta português que estudou na Universidade de Salamanca e depois na Universidade de Coimbra, onde graduou-se em direito canônico em 1541, chegou ao Brasil, país que ele diria, posteriormente, que era sua empresa. Sheila Moura Hue, pesquisadora de literatura brasileira, no seu prefácio para Primeiras cartas do Brasil, cita que Nóbrega acreditava que os índios eram papel em branco, em que se poderiam escrever as palavras cristãs, mas logo perceberia que havia no tal papel muita coisa escrita com uma tinta invisível aos olhos dos primeiros jesuítas.

Foi, como esclareceu a arqueóloga Anne Marie Pessis, um choque entre as culturas europeia e indígena -, devastador, tanto pelo poder impositivo da primeira sobre a segunda, como pela impossível compreensão mútua, explica, nas entrelinhas do texto, o deliberado desconhecimento das culturas indígenas pelos “novos donos” da terra – que se sobrepuseram àqueles que habitavam o local há 500 séculos.

Nóbrega e sua equipe de novos jesuítas, já que a irmandade havia sido fundada recentemente (1540) para converter os gentios, ou seja, os não-cristãos, os pagãos, não tiveram problemas apenas com os indígenas que encontram aqui: a comunidade de colonos vivia às margens do que previa a moralidade cristã – viviam em escândalo, em vocabulário jesuítico.



16º

COLÓQUIO
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE
DE 09/09 A 13/10 DE 2021

O grande embate travado por Nóbrega, presente em suas cartas desde o início, foi cobrir os índios, pois relata ele que os nativos, pedindo Ora por nobis, dando Deo Gratias ou cantando algum Te deum laudandum estavam completamente desnudos, o que aos olhos do colonizador era uma grave falha. Ele narra que não era justo que eles, sacerdotes, tivessem trajes que trouxeram da Europa e aqueles que queriam ser cristãos, não – razão pela qual dividiram os trajes e fez com que Nóbrega fosse visto nos próximos quatro anos com a mesma roupa, rota, esfarrapada, pés descalços - mas feliz, segundo relatos.

Já em 1549 ele pedia por pessoas que tecessem algodão para virem ao Brasil e que enviassem camisas, ao menos uma para cada mulher, pela honestidade da religião, pois rezavam com os seios desnudos. Esse trabalho objetiva, portanto, apontar a pintura corporal como vestimenta e destacar elementos do traje dos ameríndios que eram estranhos ao europeu, posto que em formato distinto, e também a camisa europeia das camadas populares que foi provavelmente enviada e/ou confeccionada aqui, tornando-se um marco inicial vestimentar da colonização portuguesa em detrimento da vestimenta local e sua teatralidade. Visualmente, deseja-se cobrir o período entre 1549 e 1650, já com as representações das camisas na obra de Franz Post (1612-1680), Albert Eckhout (1610-1665) e Gillis Peeters (1612-1653).

As principais referências bibliográficas são Nóbrega (2017); Hue (2006) e Pessis (2003).

Palavras-chave: trajes ameríndios; Manoel da Nóbrega; traje de performance.

